

NÃO HÁ CRISE ECONÔMICA NO RIO GRANDE –
Texto para discussão – Circulação restrita

Paulo Timm – Economista IPEA/Unb (ap) – P.Alegre, 29 maio 2014

Com os agradecimentos aos colegas

Cecilia Rutkoski Hoff
Adalberto Alves Maia Neto
Martinho Roberto Lazzari
Rodrigo Daniel Feix

da FEE, os quais gentilmente me receberam e me proporcionaram acesso aos debates atuais sobre o desenvolvimento do RS. Eles não são responsáveis pelos disparates que escrevi.

O anúncio, nesta semana, de um novo INDICE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL do Rio Grande do Sul - iRS, elaborado pela PUCRGS e JORNAL ZERO HORA, traz à tona a velha discussão sobre desenvolvimento e crise no Estado. O índice não traz grande novidade, eis que a Fundação de Economia e Estatística- FEE - já cumpre satisfatoriamente a função complementar ao IBGE na produção de indicadores. Tem a vantagem de incorporar algumas variáveis sobre o IDH e de vir a ser calculado anualmente.

Mas afinal, o que dizem este e outros índices sobre o desenvolvimento do Estado? É apenas uma sensação ou estamos mesmo empobrecendo e perdendo posições na emergente economia nacional? A nova Pesquisa confirma: Não há propriamente crise na economia rio-grandense. Temos nos mantido na quarta posição nacional, em termos de PIB,, entre 2005 e 2012 e dispomos, não só de uma renda per-capita bem superior, estimada em R\$ 27.514, em 2012, contra calculados R\$ 19.778 em 2010, no Brasil, como indicadores sociais, que se refletem no famoso IDH e no novo indicador iRS, superiores.

RENDA PER CAPITA – UNIDADES FEDERAÇÃO- 2002 E 2003

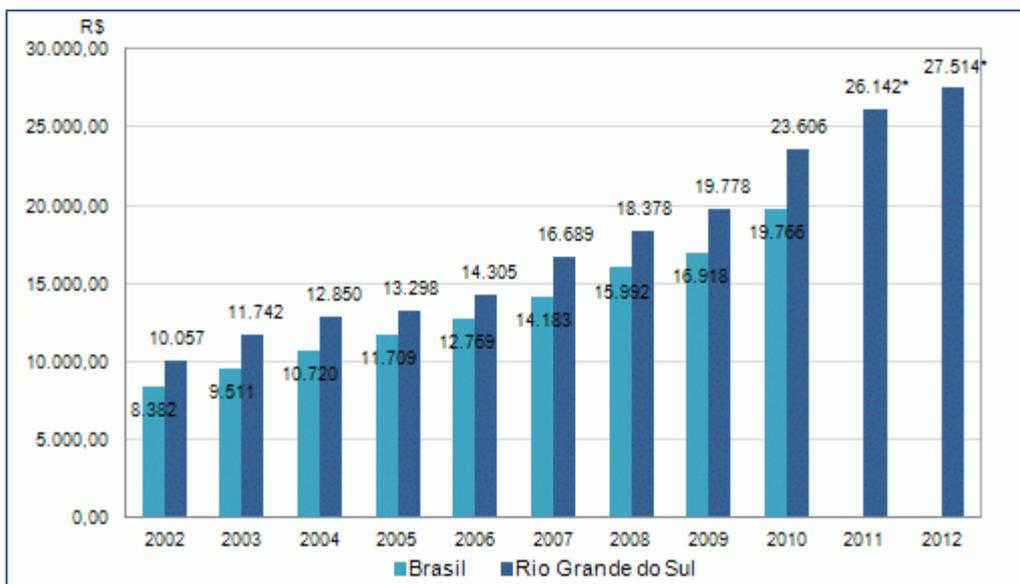
Renda per capita 2002			Renda per capita 2003		
Em R\$			em R\$		
Distrito Federal	16.360	1º	Distrito Federal	16.920	1º
Rio de Janeiro	11.459	2º	Rio de Janeiro	12.671	2º
São Paulo	11.352	3º	São Paulo	12.619	3º
Rio Grande do Sul	9.958	4º	Rio Grande do Sul	12.071	4º
Santa Catarina	9.271	5º	Santa Catarina	10.949	5º
Amazonas	8.331	6º	Paraná	9.891	6º
Paraná	8.241	7º	Amazonas	9.100	7º
BRASIL	7.631	8º	Espírito Santo	8.792	8º
Espírito Santo	7.631	9º	BRASIL	8.694	9º
Mato Grosso do Sul	7.092	10º	Mato Grosso do Sul	8.634	10º
Minas Gerais	6.775	11º	Mato Grosso	8.391	11º
Mato Grosso	6.772	12º	Minas Gerais	7.709	12º
Goiás	5.921	13º	Goiás	6.825	13º
Sergipe	5.082	14º	Sergipe	6.155	14º
Rondônia	5.021	15º	Amapá	5.584	15º
Amapá	4.996	16º	Rondônia	5.743	16º
Bahia	4.631	17º	Bahia	5.402	17º
Pernambuco	4.482	18º	Pernambuco	5.132	18º
Roraima	4.191	19º	Rio Grande do Norte	4.688	19º
Rio Grande do Norte	4.039	20º	Roraima	4.569	20º
Pará	3.898	21º	Pará	4.367	21º
Acre	3.707	22º	Acre	4.338	22º
Paraíba	3.311	23º	Paraíba	3.872	23º
Ceará	3.129	24º	Ceará	3.618	24º
Alagoas	3.012	25º	Alagoas	3.505	25º
Tocantins	2.894	26º	Tocantins	3.346	26º
Piauí	2.113	27º	Piauí	2.485	27º
Maranhão	1.949	28º	Maranhão	2.354	28º

Fonte : ATLAS ECONOMICO RS – FEE

Publicado

[https://www.google.com.br/search?q=renda+per+capita+rs+2011&tbn=isch&imgil=jPGZeipv1mrojM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn1.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AAND9GcS80wyiceAJcKUD6iSaN7dhOkdqeIHIVqWJ-6sAc2s2qb9IBFYk%253B652%253B408%253BuGq5nnZrbokYFM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Feconomia.ig.com.br%25252Fbrasil-chega-a-pib-per-capita-de-us-10-mil-em-2010-e-
agora%25252Fn1237730753533.html&source=iu&usq= h6Z30OHvjRxLFkQBt m pbHBxec%3D&sa=X&ei=Gp-
HU9XyJ4GP8gGzj4B4&ved=0CE8Q9QEwBw&biw=1366&bih=649#facrc= &imgdii=3l-
_zfKdYbnztM%3A%3BjaKN 8AAMqnz9M%3B3l- zfKdYbnztM%3A&imgrc=3l-
_zfKdYbnztM%253A%3BeRMqnnuQTYIKIM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252Fupload%252Ftabela
_renda_per_capita_2010_brasil.gif%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252FAtlas%252Fconteudo.asp%2
53Fcod_menu_filho%253D848%2526cod_menu%253D811%2526tipo_menu%253DINDICADORES%2526cod_conteu
do%253D1649%3B539%3B311](https://www.google.com.br/search?q=renda+per+capita+rs+2011&tbn=isch&imgil=jPGZeipv1mrojM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn1.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AAND9GcS80wyiceAJcKUD6iSaN7dhOkdqeIHIVqWJ-6sAc2s2qb9IBFYk%253B652%253B408%253BuGq5nnZrbokYFM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Feconomia.ig.com.br%25252Fbrasil-chega-a-pib-per-capita-de-us-10-mil-em-2010-e-
agora%25252Fn1237730753533.html&source=iu&usq= h6Z30OHvjRxLFkQBt m pbHBxec%3D&sa=X&ei=Gp-
HU9XyJ4GP8gGzj4B4&ved=0CE8Q9QEwBw&biw=1366&bih=649#facrc= &imgdii=3l-
_zfKdYbnztM%3A%3BjaKN 8AAMqnz9M%3B3l- zfKdYbnztM%3A&imgrc=3l-
_zfKdYbnztM%253A%3BeRMqnnuQTYIKIM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252Fupload%252Ftabela
_renda_per_capita_2010_brasil.gif%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252FAtlas%252Fconteudo.asp%2
53Fcod_menu_filho%253D848%2526cod_menu%253D811%2526tipo_menu%253DINDICADORES%2526cod_conteu
do%253D1649%3B539%3B311)

Nas dimensões de *Longevidade e Segurança*, os gaúchos aparecem no iRS em 2º lugar e em 5º em *Padrão de Vida*. Temos piorado em termos de *Educação*, ficando hoje em 8º. Lugar, o que se refletiu num IDH do ano 2010 .



Fonte: FEE.Centro de Informações Estatísticas/Núcleo de Contabilidade Social e IBGE.Diretoria de Pesquisas/Coordenação de Contas Nacionais

*RS: Estimativas 2011 e 2012

Nota: Não há dados disponíveis para Brasil 2011 e 2012

Com uma população em torno de 11 milhões de habitantes, Censo de 2010, quinto maior contingente no país, o Rio Grande do Sul é a quarta maior economia no concerto nacional: 6,8%do PIB nacional, em 2010, superado apenas por [São Paulo](#), [Rio de Janeiro](#) e [Minas Gerais](#), respectivamente. Isto porque tem mantido taxas anuais de crescimento do PIB, nas últimas décadas, muito próximas do PIB nacional, embora baixas, sendo de 2,5% do PIB/Br e 2,1% do PIB/RS. Em 2013, surpreendeu com o mais alto PIB estadual , reflexo da recuperação do mau ano agrícola anterior: 6,8%. Ressalte-se, a propósito, que a posição gaúcha se mantém, a despeito da expansão da fronteira agrícola no rumo norte do país com, o conseqüente aumento do relevo dos Estados beneficiados, outrora inexpressivos, na Renda Nacional.

Dados sintetizados das economias brasileira e gaúcha — 1980-2008

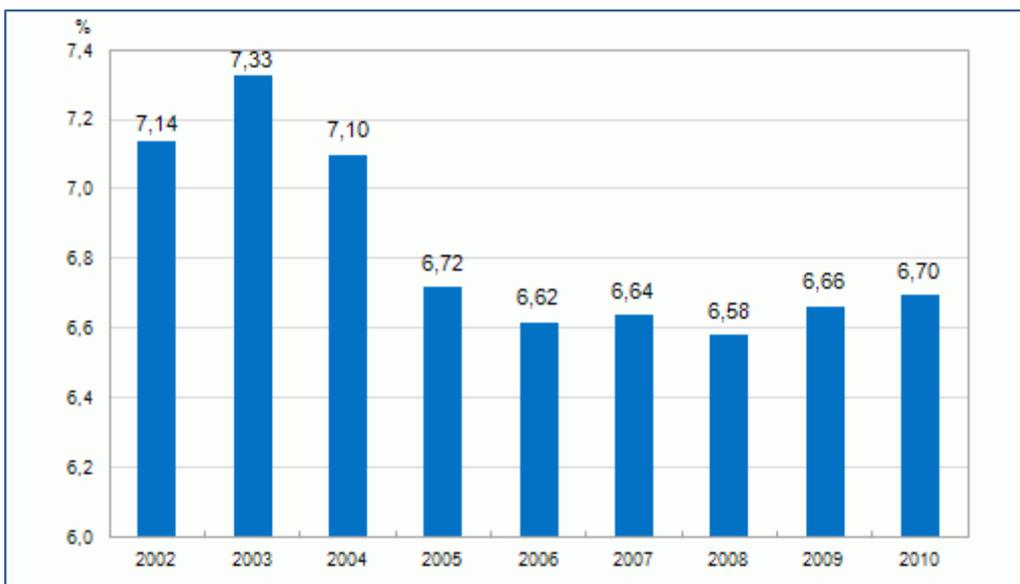
VARIÁVEIS	1980-89	1990-99	2000-08
PIB no Brasil (% médio ao ano)	1,7	2,4	3,6
PIB no RS (% médio ao ano) (2)	1,0	2,7	2,6

FONTE: Fundação de Economia e Estatística/Centro de Informações Estatísticas/Núcleo de Contas Regionais.

(1) Média no período 2,5% a.a.

(2) Média no período 2,1% a.a.

Participação do PIB do Rio Grande do Sul no PIB Brasil 2002-2010 (%)



Fonte: FEE. Núcleo de Contabilidade Social e IBGE. Coordenação de Contas Nacionais

Além das boas performances em termos de participação do PIB/RS no PIB/Br e PIB/RS per capita, o Estado tem um dos melhores índices de distribuição de renda no país, graças ao processo de ocupação, fundado na colonização e pequena propriedade, o que se reflete numa vigorosa classe média, com forte impacto no mercado regional. Pesquisa recentemente divulgada, abaixo, dá conta que na década da inclusão, de 2004 para 2014, famílias estavam nas classes de renda alta e média passaram de 69% para 88% das famílias, enquanto as vulneráveis e pobres teriam passado de 31% para 12%, evidenciando não só os efeitos positivos das Políticas Sociais da Era Petista, mas, também, certamente, o dinamismo da economia local.

OS NÚMEROS DA PUBLICAÇÃO		
Critério de classificação econômica		
Nomenclaturas	Valor per capita mensal	Renda familiar mensal média
A - Alta classe alta	Acima de R\$ 2.728	R\$ 14.285
B - Baixa classe alta	R\$ 1.120,01 a R\$ 2.728	R\$ 5.329
C1 - Alta classe média	R\$ 705,01 a R\$ 1.120	R\$ 3.094
C2 - Média classe média	R\$ 485,01 a R\$ 705	R\$ 2.117
C3 - Baixa classe média	R\$ 320,01 a R\$ 485	R\$ 1.694
D1 - Vulnerável	R\$ 178,01 a R\$ 320	R\$ 1.133
D2 - Pobre	R\$ 89,01 a R\$ 178	R\$ 713
E - Extremamente pobre	Até R\$ 89	R\$ 250

COMO ERA EM 2004	COMO ESTÁ EM 2014	A PROJEÇÃO PARA 2024
POPULAÇÃO: 10 MILHÕES CLASSE ALTA: 17% CLASSE MÉDIA: 52%	POPULAÇÃO: 11 MILHÕES CLASSE ALTA: 31% CLASSE MÉDIA: 57%	POPULAÇÃO: 12 MILHÕES CLASSE ALTA: 34% CLASSE MÉDIA: 62%
MASSA DE RENDA DA CLASSE MÉDIA, NO RS, É DE R\$ 68 BILHÕES. PROJEÇÃO DE GASTOS EM 2014		
ALIMENTAÇÃO - R\$ 20 BILHÕES	ELETRODOMÉSTICOS - R\$ 4 BI	MEDICAMENTOS - R\$ 5,8 BILHÕES
CLASSE ALTA: R\$ 6,7 BILHÕES (34%) CLASSE MÉDIA: R\$ 10,1 BILHÕES (50%) CLASSE BAIXA: R\$ 3,2 BILHÕES (16%)	CLASSE ALTA: R\$ 1,5 BILHÃO (37%) CLASSE MÉDIA: R\$ 2 BILHÕES (51%) CLASSE BAIXA: R\$ 0,5 BILHÕES (12%)	CLASSE ALTA: R\$ 2 BILHÕES (34%) CLASSE MÉDIA: R\$ 3 BILHÕES (52%) CLASSE BAIXA: R\$ 0,8 BILHÕES (14%)

Fonte – DAPOPULAR – Publicado Zero Hora 10 de maio 2014

A Região Metropolitana de Porto Alegre, a propósito, maior pólo da economia regional, uma das cabeças de ponte do Eixo Metal Mecânico que o liga a Caxias do Sul, tem a menor taxa de desemprego (3,2%), medida pelo IBGE, nas capitais pesquisadas, o que se refletiu numa pequena melhora no rendimento dos trabalhadores nos últimos doze meses, a partir de abril 2013 (DIEESE) :

A maior elevação de rendimento dos ocupados ocorreu em Belo Horizonte, com reajuste de 1,5% e valor de R\$ 1.905, seguido de Porto Alegre (com 1,2% e R\$ 1.856) e São Paulo (com 0,8% e R\$ 1.914).

<http://www.monitormercantil.com.br/index.php?pagina=Noticias&Noticia=153067&Categoria=CONJUNTURA>

Estimativas do Mês de Abril de 2014 (em mil pessoas)

Região Metropolitana : Porto Alegre

Em mil pessoas

Idade Mínima: 10 anos

Especificação	abr/13	mar/14
Pessoas em Idade Ativa	3.509	3.521
Pessoas Economicamente Ativas	2.001	1.968
Pessoas Não Economicamente Ativas	1.508	1.553

Pessoas Ocupadas	1.922	1.906	1.925
Pessoas Desocupadas	79	62	64
Pessoas Marginalmente Ligadas à PEA	49	42	42
Pessoas Desalentadas	0	0	0
Pessoas que Saíram do Último Trabalho no PR 365 Dias	161	151	150
Pessoas Subocupadas por Insuf. Horas Trabalhadas	46	36	35
Pessoas Ocupadas c/ Rend. Hora Sal.Min./Hora	224	149	150
Emp. com Carteira de Trabalho Assinada no setor privado(*)	967	987	989
Emp. sem Carteira de Trabalho Assinada no setor privado(**)	202	164	175
Taxa de Ocupação	96,0	96,8	96,8
Taxa de Desocupação	4,0	3,2	3,2

Fonte : PME IBGE

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/pme_2014_04rs_01.shtm

Tais informações se confirmam quando verificamos que Porto Alegre, capital, teve em 2010, uma das maiores rendas percapita do país, já tendo ocupado a primeira posição uma década antes:

Capital	Renda per capita 2000	Renda per capita 2010	Crescimento descontada a inflação	Rank 2000	Rank 2010
Florianópolis	R\$ 839,56	R\$ 1.905,06	30%	2	1
Vitória	R\$ 790,12	R\$ 1.801,49	32%	3	2
Porto Alegre	R\$ 862,96	R\$ 1.783,61	10%	1	3
Brasília	R\$ 741,40	R\$ 1.774,39	43%	5	4
Rio de Janeiro	R\$ 740,54	R\$ 1.518,55	9%	7	5
Curitiba	R\$ 740,96	R\$ 1.516,17	8%	6	6
São Paulo	R\$ 745,70	R\$ 1.495,04	4%	4	7
Belo Horizonte	R\$ 687,95	R\$ 1.493,21	21%	8	8
Goiânia	R\$ 584,94	R\$ 1.268,41	20%	9	9
Cuiabá	R\$ 528,02	R\$ 1.111,75	14%	10	10
Recife	R\$ 477,88	R\$ 1.105,13	35%	11	11
Palmas	R\$ 442,65	R\$ 1.102,64	53%	13	12
Aracaju	R\$ 416,38	R\$ 1.062,49	59%	15	13
Campo Grande	R\$ 458,52	R\$ 1.048,50	32%	12	14
João Pessoa	R\$ 398,11	R\$ 971,15	47%	17	15
Natal	R\$ 410,20	R\$ 968,66	40%	16	16
Salvador	R\$ 426,52	R\$ 956,24	28%	14	17
Porto Velho	R\$ 375,72	R\$ 929,83	51%	19	18
Belém	R\$ 378,47	R\$ 866,19	32%	18	19
Fortaleza	R\$ 375,02	R\$ 857,54	32%	20	20
Boa Vista	R\$ 365,64	R\$ 852,64	37%	21	21
Macapá	R\$ 319,05	R\$ 814,74	59%	24	22
Manaus	R\$ 330,02	R\$ 812,41	50%	23	23
Maceió	R\$ 347,33	R\$ 810,75	37%	22	24
Rio Branco	R\$ 307,09	R\$ 795,08	62%	26	25
São Luís	R\$ 309,38	R\$ 794,76	60%	25	26
Teresina	R\$ 299,20	R\$ 758,99	57%	27	27

Fonte – FEE
Publicado em

<https://www.google.com.br/search?q=renda+per+capita+rs+2011&tbm=isch&imgil=iPGZeipv1mroiM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn1.gstatic.com%252Fimages%253Fq%253Dtbn%253AAND9GcS80wyiceAJcKUD6iSaN7dhOkdqelHIVqWJ-6sAc2s2qb9IBFYk%253B652%253B408%253BUgG5nnZrbokYFM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Feconomia.ig>

[com.br%25252Fbrasil-cheega-a-pib-per-capita-de-us-10-mil-em-2010-e-
 agora%25252Fn1237730753533.html&source=iu&usq= h6Z300HviRXLfKQBt m pbHBxec%3D&sa=X&ei=Gp-
 HU9XYJ4GP8gGzi4B4&ved=0CE8Q9QEwBw&biw=1366&bih=649#facrc= &imgdii=3l-
 _zfKdYbnztM%3A%3BuKuXzzLq4Z39GM%3B3l- zfKdYbnztM%3A&imgrc=3l-
 _zfKdYbnztM%253A%3BeRMqnnuQTYIkIM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252Fupload%252Ftabela
 _renda_per_capita_2010_brasil.gif%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252FAtlas%252Fconteudo.asp%2
 53Fcod_menu_filho%253D848%2526cod_menu%253D811%2526tipo_menu%253DINDICADORES%2526cod_conteu
 do%253D1649%3B539%3B311](http://com.br%25252Fbrasil-cheega-a-pib-per-capita-de-us-10-mil-em-2010-e-

 agora%25252Fn1237730753533.html&source=iu&usq= h6Z300HviRXLfKQBt m pbHBxec%3D&sa=X&ei=Gp-

 HU9XYJ4GP8gGzi4B4&ved=0CE8Q9QEwBw&biw=1366&bih=649#facrc= &imgdii=3l-

 _zfKdYbnztM%3A%3BuKuXzzLq4Z39GM%3B3l- zfKdYbnztM%3A&imgrc=3l-

 _zfKdYbnztM%253A%3BeRMqnnuQTYIkIM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252Fupload%252Ftabela

 _renda_per_capita_2010_brasil.gif%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.scp.rs.gov.br%252FAtlas%252Fconteudo.asp%2

 53Fcod_menu_filho%253D848%2526cod_menu%253D811%2526tipo_menu%253DINDICADORES%2526cod_conteu

 do%253D1649%3B539%3B311)

Caberia um parágrafo para se indagar como o Rio Grande do Sul perdeu a corrida para outro estado tradicional: Minas Gerais. Uma explicação estrutural: Minas tem mais do dobro da população gaúcha, tendo evitado, por características de sua estrutura agrária, a expulsão de grandes contingentes, num território não só mais expressivo, como detentor de várias áreas de cerrado, propícias ao cultivo de commodities, e vastas áreas de mineração – é sede da Vale do Rio Doce ! -, ambas beneficiadas com o boom de preços na década passada.

Minas Gerais

<u>Área</u>	
- Total	586 522,122 <u>km²</u> (4 ^o) ¹
<u>População</u>	
	<u>2013</u>
- Estimativa	20 593 366 hab. (2 ^o) ²
- Densidade	35,11 hab./km ² (14 ^o)
<u>Economia</u>	
	<u>2010³</u>
- PIB	R\$351.381 bilhões (3 ^o)
- PIB per capita	R\$17.931 (10 ^o)

Antes disso, porém, uma geração de economistas, no período 1950-80, tão brilhante quanto os gaúchos, mas com a diferença de que, no Governo, contrariamente ao que aqui ocorreu (...), esmeraram-se e implementaram o que se tornou um clássico : O Diagnóstico da Economia Mineira, de 1968. A principal peça instrumental deste instrumento foi a criação do Instituto de Desenvolvimento Industrial – INDI - , sem equivalente até hoje no Rio Grande do Sul, cuja ação mudaria, já nos anos 70, o perfil da economia mineira predispondo-a ao salto tecnológico – (Ver Marcelo Magalhães Godoy , Daniel Henrique Diniz Barbosa, Lidiany Silva Barbosa TEXTO PARA DISCUSSÃO N^o 347 - O Diagnóstico da Economia Mineira de 1968 e o planejamento do desenvolvimento de Minas Gerais - <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20347.pdf>).

De qualquer forma, a performance da economia gaúcha, tanto histórica, como “celeiro do Brasil” , na condição de “primário-exportadora-interna”, como a denominou Paulo Renato Souza em sua Tese de Mestrado na ESCOLATINA – Un.Chile -1972 ,como mais complexa e integrada nas últimas décadas, com

uma surpreendente resposta na produção de bens de capital, numa curiosa transmutação rumo a um modelo “indústria pesada-exportadora-interna” , oferece uma “alta” qualidade de vida a seus habitantes, tal como comprova o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH – . Os indicadores mais destacados do Distrito Federal e Santa Catarina, explicam-se por razões geográficas e demográficas. O Rio Grande tem uma população não só expressiva, como já onerada com elevado número de idosos.

Classificação das unidades da federação por IDH-M - 2010

- ▲ = aumento nos dados - comparado aos dados anteriores;
- = dados mantiveram-se os mesmos da medição anterior;
- ▼ = diminuição nos dados - comparada aos dados anteriores.

■ 0,800 – 1 (Muito alto) ■ 0,700 - 0,799 (Alto)

Posição		Unidades federativas	IDH-M	
Dados de 2010 ²	Comparados aos de 2000 ³		Em 2010	Em 2000
1	— (0)	 Distrito Federal	▲ 0,824	▲ 0,725
2	— (0)	 São Paulo	▲ 0,783	▲ 0,702
3	— (0)	 Santa Catarina	▲ 0,774	▲ 0,674
4	▲ (1)	 Rio de Janeiro	▲ 0,761	▲ 0,664
5	▲ (1)	 Paraná	▲ 0,749	▲ 0,650
6	▼ (2)	 Rio Grande do Sul	▲ 0,746	▲ 0,664

A idéia de crise na economia gaúcha vem de longa data. Em meados do Século XX ficou consagrado um conjunto de reportagens do Jorn. Franklin de Oliveira, sob o título "Rio Grande do Sul, um novo Nordeste". A só referencia ao nordeste induz à idéia de empobrecimento e crise. Comoveu as autoridades e influenciou duas gerações de analistas. Mais recentemente, Luiz Roberto Targa, diligente pesquisador da FEE , na Revista Ensaio 1989, teceu um conjunto de comentários sobre que classifica como " Paradigmas da Economia Gaúcha", evidenciando os supostos equívocos destes analistas ao pensarem-na como isolada do resto do país, ou mero apêndice. Hoje, com epicentro nesta veneranda instituição, é outro o estado de espírito quanto à dinâmica da economia riograndense. Mas persiste a sinistrose em outros círculos de opinião, devido a vários fatores.

Um fator que induz à sensação de crise é o parcelamento da terra na zona de colonização, acarretando uma histórica expulsão de agricultores, primeiro para o oeste de Santa Catarina e Paraná, hoje para o Planalto Central.

Outro fato marcante da economia regional é seu forte componente agropastoral, o qual vem sofrendo sucessivas perdas de safra e decadência em áreas mais afetadas em decorrência das turbulências ambientais.

Não obstante, o Rio Grande do Sul, apesar de vários fatores adversos assinalados por técnicos da FEE, principalmente sua *ex-cêntrica* posição distante dos grandes centros consumidores do Macro Eixo Rio-São Paulo, vem acompanhando o ritmo nacional com incrementos na produtividade da agro-pecuária e mudança estrutural no setor industrial. Isto, apesar: (1) das sensíveis transferências de renda para outras unidas, via hipervalorização cambial; (2) outro montante de transferências para unidades da federação com maior acesso à subsídios e maciços investimentos federais; e (3) transferências para outras delas, menos favorecidas, via Fundos de Participação. Este último processo, aceitável como dever redistributivo no contexto federativo, revela-se, entretanto, altamente discutível quando se tem presente que o Pacto Federativo vigente no Brasil é uma grande fantasia, sob a qual mantêm-se, com recursos dos Estados mais ricos e produtivos, uma oligarquia política nos Estados com menor nível de desenvolvimento, altamente retrógrada e corrupta, como assinala um estudioso deste processo no Brasil, e que mercê do peso numérico de suas bancadas no Congresso Nacional, acabam dominando o cenário político nacional:

Los tres índices más altos (de corrupción) correspondieron a la región nordeste (Maranhão, Piauí y Bahia), mientras que los dos más bajos estuvieron en el sur (Rio Grande do Sul y Santa Catarina)

(Desigualdad de los ingresos en el Brasil. ¿Qué ha cambiado en los últimos años?

Helder Ferreira de Mendonça y Diogo Martins Esteves)

[http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/2/52482/RVE112Ferreira de Mendonca.](http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/2/52482/RVE112Ferreira_de_Mendonca)

[pdf](#)

Uma rápida avaliação, por exemplo, entre o que a União recolhe no Rio Grande do Sul, a título de impostos de sua competência, e o que devolve ao Estado através dos Fundos de Participação (FPE + FPM) revela que ficamos com apenas um décimo.

Ou seja, o Estado não só mantém sua performance, como contribui para o desenvolvimento do país, tanto no sentido da economia nacional, como regionais.

Não se confirma, portanto, a idéia de crise da economia rio-grandense apesar desta apresentar lacunas localizadas, principalmente na infra-estrutura, associadas à insuficiência dinâmica do Setor Público, e ritmos pouco animadores, aliás, associados ao baixo dinamismo do eixo central da economia do país, localizado em São Paulo e Rio de Janeiro.